

O “CONCEITO DE NADA” NA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE HEIDEGGER E NA PSICANÁLISE DE WINNICOTT

Eder Soares Santos

Doutorando em Filosofia – Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Orientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic

Agência financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

E-mail: edersan@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo de nossa pesquisa é mostrar que novas contribuições com relação ao “conceito de nada” podem ser trazidas para a fenomenologia existencial e para a teoria psicanalítica quando se faz uso dessas duas disciplinas em conjunto.

Trabalhamos com o conceito de nada tanto na filosofia de Martin Heidegger como na teoria psicanalítica de D. W. Winnicott.

Este estudo se justifica na medida em que na filosofia heideggeriana esse conceito ocupa uma posição privilegiada já que ele abre para o ser do ente, através da angústia originária, a sua possibilidade de ser mais própria, ou seja, sua finitude diante de ser-para-a-morte, o seu não-ser. O mesmo pode ser encontrado em Winnicott, mas, diferentemente da fenomenologia existencial, o nada na psicanálise winnicottiana abre a possibilidade do ser para o seu aniquilamento psíquico através das angústias impensáveis. As angústias impensáveis, portanto, são traumas localizados nos estágios iniciais do processo de amadurecimento humano, entendendo-se trauma, neste início, como quebra da continuidade na existência de um indivíduo. Depois de uma experiência traumática, defesas são organizadas a fim de evitar que as angústias impensáveis voltem a ser experienciadas. “Quando o padrão do ambiente é traumático”, esclarece Elsa. O. Dias, “ocorre uma interrupção do processo de amadurecimento. As angústias impensáveis quebram a incipiente integração, isto é, a incipiente experiência de um si-mesmo, de qualquer grau ou tipo, mas anterior à constituição de um eu, que existe por ocasião do fracasso ambiental”.¹

O trauma é constituído por uma reação automática do bebê à intrusão ambiental. Essa intrusão é traumática porque obriga o bebê a reagir ao invés de continuar-a-ser (Dias, E. O., 1998) e esse continuar-a-ser é ameaçado pelas angústias impensáveis. Elas “remetem ao perigo extremo de o indivíduo cair fora da existência, de que a existência enquanto tal não se dê ou se perca.”²

METODOLOGIA

Para o andamento da pesquisa fizemos leitura das obras “*Ser e Tempo*”, “*O que é metafísica*” entre outros textos da década de 30 da produção heideggeriana. Utilizamos da vasta obra de Winnicott, principalmente das obras “*Natureza Humana*” e “*Ambiente e os Processos de Maturação*”, assim como vários artigos disponíveis sobre o assunto, em especial os de Zeljko Loparic.

RESULTADOS

A pesquisa mostrou que a análise do conceito de nada tanto na fenomenologia existencial de Heidegger como na teoria psicanalítica de Winnicott se dá em planos diferentes de interpretação, pois, respectivamente, uma análise é ontológica e outra é ôntica, porém estes planos se sobrepõem e se interdependem. O resultado mais relevante que se obteve foi que em Winnicott o estudo do conceito de nada nos leva a pensar o sentido do ser, aberto pelas angústias impensáveis, como ser para-o-seu-início; se se quiser nos faz pensar na “nascencialidade” do ser. O que encontramos diante dos

¹ Dias, E. O. *A Teoria das Psicoses em D. W. Winnicott*. Tese de Doutorado, PUC/São Paulo, 1998, p. 255.

² Id. *Ibid.*

nossos olhos no momento do nascimento do bebê é um indivíduo, todavia isso não quer dizer que ele já seja ser. No momento inicial o indivíduo que ali vemos é um não-ser. O seu ser ainda está por ser conquistado, pois ele ainda não direcionou o seu impulso físico em direção a busca de um sentido de ser que começa ser conquistado a partir do seu primeiro contato físico com a mãe. Pode-se dizer que “somente a partir da não-existência pode a existência começar” (Winnicott, D. W, 1963, p. 95). Ele, enquanto ser, é e está no nada, por isso é possível dizer que “a vida de uma pessoa consiste num intervalo entre dois estados de não-estar-vivo” (Winnicott, D. W. 1988, p. 132). “Apenas um momento”, alguém diria, “aqui, você se contradisse em suas idéias, pois ainda a pouco você disse que algumas sensações e acontecimentos do ambiente são experienciados pelo bebê, logo algo está errado nessa argumentação!”. Contudo, essas experiências que são vivenciadas pelo bebê antes de seu nascimento ou após este não significam nada para a vida do bebê até que ele possa ser, não basta que se considere ele como um ser humano para que possa ser. Ser é a condição de possibilidade para que tudo que aconteceu antes do nascimento ou venha a acontecer depois possa fazer sentido e poder ser usado pelo bebê no seu processo de amadurecimento físico e psíquico. Enquanto que em Heidegger, somos conduzidos, através da abertura proporcionada pela angústia originária, a pensar o ser do ente como um ser-para-a-morte, ou como um ser-para-o-fim. Diz ele:

“O estar suspenso do ser-aí no nada originado pela angústia escondida transforma o homem no lugar-tenente do nada. Tão finitos somos nós que precisamente não somos capazes de nos colocarmos originariamente diante do nada por decisão e vontade próprias. Tão insoldavelmente a finitização escava as raízes do ser-aí que a mais genuína e profunda finitude escapa à nossa liberdade.” (Heidegger, M. *Que é Metafísica*, 1969, p. 39)

CONCLUSÕES

O que se conclui desse estudo é que a psicanálise de Winnicott, pelo modo de teorizar os seus conceitos fundamentais e pela sua aproximação com a fenomenologia existencial que procura pela destruição da tradição metafísica, encontra-se inserida em um novo paradigma psicanalítico que não é o mesmo da tradição freudiana (Cf. Santos, E. S. 2001).

Também se conclui que o estudo em conjunto desses dois autores nos permite alcançar uma complementariedade conceitual interdisciplinar como, por exemplo, no estudo do conceito de nada, em que Winnicott pensa o nada do ser para-o-início e Heidegger o pensa como ser-para-morte fechando, assim, um círculo interpretativo.